

## IDENTIDADE E DIFERENÇA NO ROMANCE *ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS*, DE NOEMI JAFFE

Josilene Moreira Silveira (UFMS)<sup>1</sup>

**Resumo:** Noemi Jaffe publica, em 2015, seu primeiro romance – *Írisz: As Orquídeas*. Nesta narrativa, Írisz é uma refugiada que vem para o Brasil, logo depois que a Hungria é invadida pela União Soviética. O romance apresenta uma perspectiva narrativa perturbadora, fragmentária, interrompida e sem continuidade. Nesse sentido, a perspectiva de Jaime Ginzburg (2012) para estudar o narrador contemporâneo, é interessante, pois propõe analisá-lo mediante a relação entre formas de narrar e configurações sociais. A estruturação da narrativa, problematização na figura do narrador e da focalização, permite analisar como se configura esse processo de busca de identidade e confronto com o diferente no romance de Noemi Jaffe.

**Palavras-chave:** *Írisz: as orquídeas*; Estrutura Narrativa; Identidade; Diferença.

### Introdução

Noemi Jaffe é escritora, professora de literatura brasileira e atua como crítica no jornal Folha de São Paulo. É autora de obras de crítica literária e ficcionais como: *Folha explica Macunaíma* (Publifolha, 2001); *Todas as coisas pequenas* (Hedra, 2005), *Do princípio às criaturas* (USP, 2008), *Quando nada está acontecendo* (Martins Editora, 2011), *A Verdadeira História do Alfabeto* (Companhia das Letras, 2012), *O que os cegos estão sonhando* (Editora 34, 2012).

Seu primeiro romance, publicado pela Companhia das Letras, em 2015, tem como título: *Írisz: as orquídeas*. Neste romance, a Írisz, é uma imigrante húngara, que vem para o Brasil, logo depois que a Hungria é invadida, em 1956, pela União Soviética. No Brasil, vai trabalhar no Jardim Botânico, onde conhece Martim, com a pretensão de estudar as orquídeas para cultivá-las em sua terra natal. Contudo, o passado a incomoda e a acompanha a todo momento, mediante lembranças da mãe que deixou já senil em uma casa de repouso, o relacionamento mal resolvido com Imre, militante comunista, e a revolução fracassada.

As orquídeas são o objeto de estudo da protagonista, por meio do qual reflete sobre sua vida e tenta compreender o próprio passado, a ponto de ver a si nas descrições das espécies epífitas (raízes aéreas): “Brotam no ar, no alto de outros seres fincados na terra – esse sim o lugar certo para crescer. Alimentam-se de outros serem por aí e, por

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (UFMS). Contato: josilenemoreirasilveira@gmail.com.



isso, passam por parasitas” (JAFFE, 2015, p. 12). Assim como a personagem, sempre em fuga, incapaz de criar raízes em lugar algum.

O diretor do Jardim Botânico, Martim, além de chefe e instrutor, torna-se um grande amigo de Írisz e se propõe a narrar esse breve relacionamento, intercalando a sua narrativa com os escritos da refugiada. Assim, a história dessa personagem vai revelando-se em digressões costuradas nos relatórios sobre as orquídeas brasileiras. Apesar do propósito do texto ser científico, adquire forte conotação subjetiva em que Írisz tenta contar sua própria experiência à Martim, destinatário dos relatórios, mas também às pessoas que passaram por sua vida.

Nessa miscelânea de gêneros textuais é nos revelado ainda muito da subjetividade dessa personagem. Temos, assim, dois personagens-narrador revelando suas percepções sobre a revolução, a vida, o amor, as decepções. Esse é um dos aspectos interessantes da obra, pois há mais de uma perspectiva narrativa. De um lado, Írisz revela no entremeio de seus relatórios parte da sua vida desde a fuga para o Brasil, as lembranças da mãe, do lar, da comida, do relacionamento mal resolvido, as frustrações com a revolução, a busca improvável pela liberdade. Do outro, Martim, figura caricata do comunista, cheio de ideais, que acreditava na revolução, na igualdade de direitos.

A perspectiva de Írisz é perturbadora. A estrutura narrativa é fragmentária, interrompida, sem continuidade. A de Martim repleta de pessimismo diante do exemplar real, Írisz, de que a revolução havia fracassado e muitos de seus ideais comunistas caídos por terra. Desse modo, a estruturação da narrativa, problematização na figura do narrador e da focalização, permite analisar como se configura esse processo de busca de identidade e confronto com o diferente no romance de Noemi Jaffe.

## **2 Narrador e Focalização no romance *Írisz: As Orquídeas***

O romance inicia-se com a narrativa de Martim, em 1ª pessoa, sobre o relacionamento com Írisz. Uma experiência que o deixou confuso, pois não consegue explicar os seus sentimentos em relação a esta mulher, nem defini-la.

Depois do desaparecimento de Írisz, Martim tenta compor essa história de vida, mediante os fragmentos deixados por ela. Organizar essa “desordem” como forma de compreender sua história, entender quem é essa mulher e refletir sobre seus próprios sentimentos.



Agora que ela desapareceu, quis contar a história, que não entendo direito, desde o começo, porque achei que assim entenderia alguma coisa. Ou para ficar um pouco mais perto do jeito como ela veio parar na minha vida que, até sua chegada, ordenada e calma. Mas então ela chegou trazendo a Hungria, a revolução derrotada, as palavras e um jeito tão desorganizado de fazer e pensar as coisas, que acabou me desequilibrando também. Agora estou sentindo tudo voltar ao normal e preciso daquelas palavras bagunçadas, dos trocadilhos errados, dos ditados em húngaro e português, do sotaque forçado, das canções inventadas e das perguntas sem sentido para rever uma desordem de que aprendi a gostar (JAFFE, 2015, p. 11).

Essa experiência passa ainda por uma relação com a escrita. É pela escrita que tentará escrever essa narrativa que para ele é confusa, incapaz de expressar: “A palavra que explica a falta que ela me faz está presa no dicionário e não sei tirá-la de lá, porque preciso de Írisz para me ensinar. Releio o que escrevo e já não sei mais se faz sentido” (JAFFE, 2015, p. 11).

Para Martim, a experiência de vida de Írisz é mais complexa, por isso não é capaz de expressar a mesma intensidade na escrita que ela: “Ela não quer mais saber da dor, porque a conhece pelo nome, já conversou com ela. Minha perda é teórica, e deve ser por isso que minha fala é mais sombria. Eu fico aqui, com minha dor intelectual, tentando imitá-la e só o que consigo escrever são palavras mornas” (JAFFE, 2015, p. 11).

Na organização do romance, o narrador Martim é o responsável pela ancoragem do texto. O primeiro capítulo é uma espécie de introdução sobre a refugiada. Contudo, devido à complexidade dessa personagem, considera-se incapaz de compreendê-la e assumir sozinho a responsabilidade pela narrativa. Nesse sentido, passa a delegar voz a outras personagens da narrativa, que também narram em 1ª pessoa.

Dos vinte e dois capítulos em que o livro está organizado, sete são ancorados por Martim, que assume a narração e a organiza; em dez temos os “relatórios-carta” de Írisz, que funcionam como pretexto para expressão seus sentimentos e história; em apenas um (capítulo 20), há a narrativa de Ignac, pai de Írisz; e, em quatro, há predominância da narração em 3ª pessoa, por uma voz não linguisticamente determinada, mas que nos remete à Írisz pelos assuntos discutidos.



Esses capítulos aparecem intercalados, mas sem ordenação fixa. Desse modo, se levarmos em consideração, a quantidade de capítulos em que as personagens assumem a narrativa em 1ª pessoa, há predominância da narrativa de Írisz, fato que contribui para a hipótese do protagonismo dessa personagem.

Ao tomarmos o primeiro capítulo, Martim se propõe a contar a história de vida de Írisz, elegendo-a como personagem central. A perspectiva adotada é de Martim como testemunha dos fatos, mas de certo modo com visão limitada dos acontecimentos e sobre a própria personagem, a quem não consegue compreender.

De acordo com Norman Friedman (2002) poderíamos definir esse narrador como narrador-testemunha: “[...] é um personagem em seu próprio direito dentro da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa” (2002, p. 175-76).

Como consequência, Friedman (2002, p. 176) afirma que a “[...] testemunha não tem um acesso senão ordinário aos estados mentais dos outros”, lança-se mão da onisciência do autor para que a testemunha narre, de seu ponto de vista periférico, como observamos no excerto:

Observá-la com atenção passou a fazer parte para mim, mesmo sem que eu soubesse, de um confronto com a vida em movimento: brincadeiras desesperadas que ocultava a dor mas que também a aliviavam e transformavam; uma dúvida precisa sobre as coisas mais irrisórias mas que fazia com que eu visse tudo a partir de outros lugares; uma tristeza que eu percebia em movimentos discretos da boca, numa retração corporal nunca ostensiva mas que me lembrava a tristeza em si mesma, como se o sentimento tivesse vindo nos visitar e decidido ocupar aquele corpo temporariamente; o entusiasmo às vezes excessivo, que, de tão desmedido, abarcava a suprimia a reação dos outros; a raiva que só se manifestava nos gestos nunca nas palavras ou na expressão, mas que por isso mesmo podia ser mais violenta: quantas vezes a vi rasgando pétalas, amassando o substrato, esbarrando nas pessoas sem se dar o trabalho de se desculpar, batendo na mesa por não conseguir realizar um experimento, para logo em seguida se recompor, culpada, o que a deixava pelo resto do dia com a aparência de um animal carente; uma maturidade exagerada e uma infantilidade proporcional, o que a fazia oscilar entre a sabedoria e a tolice, o pragmatismo e a inocência (JAFFE, 2015, p.40).

Assim, essa perspectiva contribui para a caracterização de Írisz como figura complexa, repleta de mistérios a serem revelados e que são desconhecidos para o próprio narrador Martim.



No entanto, segundo Friedman (2002), a visão do narrador-testemunha não é tão restrita como parece ser em um primeiro momento:

[...] ele pode conversar com todas as personagens da estória e obter seus pontos de vista a respeito das matérias concernentes (...); particularmente, ele pode se encontrar com o próprio protagonista; e, por fim, pode arranjar cartas, diários e outros escritos que podem oferecer reflexos dos estados mentais dos outros (FRIEDMAN, 2002, p. 176).

Nesse sentido, podemos verificar que, como ponto de vista de Martim é limitado. Precisa de mecanismo que permitam a aproximação com a personagem. Para tanto, opta por “encaixar” os próprios textos escritos por Írisz, mistura de relatórios e cartas, em capítulos a parte ou em excertos intercalados em seu discurso.

Em sua maioria, os textos de Írisz são apresentados em capítulos, no formato de relatórios científicos a cerca das orquídeas. Para tanto, iniciam-se com linguagem formal e científica, no qual se pretende descrever as espécies, e ilustrações das plantas. Contudo, a dimensão formal do relatório cede espaço para o discurso pessoal. Separado por parênteses, no caso do excerto apresentado, ocupa a maior parte do parágrafo. Na sequência, pela disposição gráfica, percebemos um espaço entre o texto inicial, que se pretende um relatório científico, e o texto com cotação afetiva, em que Írisz dirige-se diretamente a Martim.

Ao analisarmos esses capítulos em que Írisz, personagem protagonista, assume a voz na narrativa, temos, segundo Friedman (2002, p. 177), o narrador-protagonista que: “[...] encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro vivo”.

Nesses capítulos, maior parte da narrativa, Írisz revela a sua vida na Hungria, o seu ponto de vista sobre a Revolução, os motivos que a levaram a deixar o país, a relação conflituosa com Imre e a mãe, ressentimentos a respeito do pai, e seus sentimentos em relação a tudo isso:

Se Imre ainda estiver vivo, não está livre, mesmo dizendo que estaria livre em qualquer situação, solto ou preso. Li uma entrevista de Graciliano Ramos em que o escritor diz que, para ele, também era indiferente estar solto ou preso. Que ideia absurda e arrogante essa de



acreditar que a liberdade está na alma e não nos lugares onde você pode estar, aonde você pode ir. Os heróis têm essa mania; acham que vale estar preso em nome do bem de todos. Que diferença faz para o povo – uma massa anônima que, se você pensar bem, se deixa manipular por qualquer voz mais potente – se Imre se sacrifica por ele ou não? Por que essa mania dos heróis de criarem raízes? Se Imre dormir no chão frio, ficar sem comer, se deixar torturar pela polícia de Kádár, isso vai ser para o bem do povo? (JAFFE, 2015, p. 21).

É também uma forma de Martim compreender quem é esta personagem hermética. Como está confuso em relação a ela e aos seus próprios sentimentos, inicia um inventário de tudo o que ela escreveu para tentar desvendar esse mistério: Írisz.

Nesse sentido, há um distanciamento do narrador Martim em relação à Írisz para que possa iniciar esse processo de conhecimento. Para tanto, faz uso do próprio discurso de Írisz, possibilitando ainda que o leitor tire suas conclusões pela voz dessa personagem.

De certa forma, o ponto de vista de Martim é limitado àquilo que é possível perceber do seu lugar periférico. Porém, pensando em termos de estruturação da narrativa, Friedman (2002, p. 176) afirma que, “Devido a seu papel subordinado na própria estória, o narrador-testemunha tem uma mobilidade muito maior e, por consequência, uma amplitude e variedade de fontes de informação bem maiores do que o próprio protagonista, que se encontra centralmente envolvido na ação”.

Desse modo, ao assumir essa visão periférica, Martim como narrador principal lança mão de um recurso que irá lhe possibilitar reconstruir a história de vida de Írisz. O fato de utilizar os relatórios-carta cria a impressão de uma visão mais fidedigna dos fatos, da própria personagem, como no excerto em que Írisz confronta Martim sobre o comunismo:

Martim, acho que você não quer me ouvir dizer que, embora tenha sido convidada a vir para o Brasil, fugi. Você que até agora sempre acreditou no comunismo, não quer que eu diga: “Fugi de Budapeste”, nem por meio de comparações. Mas você já sabia de quase tudo o que eu te trouxe e mesmo assim não quer me ouvir, ou quer, mas não suporta e precisa ficar me recriminando a pieguice. Você queria que eu te dissesse, como esse Prestes ingênuo, que está tudo bem? Que eu não vi o que vi? Que não sei onde Imre está porque algum soldado do Exército Vermelho o está perseguindo pelas ruas, fábricas, florestas, até encontrá-lo para então interrogá-lo e matá-lo, ou matá-lo mesmo antes de fazer qualquer pergunta, porque Kádár determinou? Não há nada de raro nem de belo nesses homens, Martim, e eu poderia



compará-los a qualquer mato barato que cresce por toda parte. Mas, se comparo minha mãe e Imre às orquídeas, isso te irrita, porque você sabe que estou falando a verdade (JAFFE, 2015, p. 56-57).

A narração em 1ª pessoa é tida na teoria literária como “não confiável”, pois é parcial e subjetiva em relação aos fatos (MOISÉS, 2012). Contudo, como observa Wood (2011), a narrativa em 1ª pessoa pode ser mais confiável que se imagina e a onisciência poucas vezes é tão imparcial quanto parece. É nos permitido ver pelos olhos desses personagens-narrador mais do que eles mesmos conseguem ver (WOOD, 2011).

No excerto apresentado, o fato de Írisz ter vivido a revolução na Hungria e poder relatar o que de fato aconteceu, na perspectiva dela, é um contraponto aos ideais de Martim, que acreditava na ideologia comunistas. Logo, o choque de pontos de vista gera a crise em Martim, que é obrigado a rever aquilo em que acredita.

Ao analisarmos essa alternância de vozes, notamos que, devido às narrativas de Írisz ocuparem maior espaço em relação à narrativa de Martim e também por ser seu objeto de análise, sugere-se certo protagonismo da personagem Írisz. Contudo, quem a organiza e seleciona cartas e fatos a serem apresentados é Martim. A experiência da escrita é uma forma de compreender não somente Írisz, mas a si mesmo. Entender seus sentimentos, reordenar suas ideologias e convicções que a experiência de Írisz fizeram cair por terra.

Desse modo, a narrativa também é sobre Martim, tendo em vista que, no confronto com Írisz – o outro –, é levado a refletir sobre a própria vida. Ao dar voz a Írisz na narrativa, permite que a refugiada conte sua própria história. Essa experiência com o outro, o diferente, modifica sua percepção. Tira-o da zona de conforto que os ideais cristalizados lhe asseguravam, tendo que repensar suas convicções. Isso lhe causa insegurança e certo estranhamento do mundo à sua volta.

Não sei onde estou. Não reconheço a cidade, o Jardim, perdi meu lugar nas ruas, não consigo pegar um táxi porque não sei para onde quero ir. [...] Mas não me reconheço mais, embora faça as mesmas coisas que venho fazendo há anos, porque agora existe outro eu observando meus gestos e me seguindo pelas ruas, que me orienta, desorienta, obedece, desobedece e que me adverte, intermitentemente: Martim, isso não está certo; Martim isto está errado; Martim, qual a coerência? Me tornei personagem num palco onde sou a única plateia



e meus dias se transformaram numa sucessão de ritos maquinais e sem razão. Tê-la perdido, mesmo que temporariamente, fez com que eu desse conta de como estou perdido de quase tudo há muito tempo (JAFFE, 2015, p. 131).

O próprio discurso narrativo de Martim reflete essa instabilidade provocada pela chegada de Írisz. Ao construir sua narrativa precisa recorrer aos textos de Írisz para tentar entender os fatos. Assim, seu discurso é entrecortado pelo de Írisz. Quando está a narrar, mostra-se bastante inseguro e pessimista. A posição social de que fala evidencia ainda, pensando no contexto social da década de 60, uma posição contrária ao regime político em vista de seus ideais comunistas.

Assim, a perspectiva de Jaime Ginzburg (2012) para estudar o narrador contemporâneo, é interessante, pois se propõe a analisar o narrador mediante a relação entre formas de narrar e configurações sociais. Por muito tempo a cultura tradicional patriarcal atuou como ponto de referência para definir comportamentos e moralidades e, conseqüentemente, determinou sua forma de narrar (GINZBURG, 2012).

Contudo, segundo Ginzburg (2012), a literatura contemporânea tem demonstrado que há elementos narrativos contrários ou alheios a essa forma tradicional patriarcalista brasileira de narrar, próprio dessa nova sociedade. Sua principal hipótese de reflexão considera que haveria, na literatura contemporânea, a presença recorrente de “narradores descentrados”, uma instância que foge a um centro, entendido como:

[...] conjunto de campos dominantes na história social – a política conservadora, a cultura patriarcal, o autoritarismo de Estado, a repressão continuada, a defesa de ideologias voltadas para o machismo, o racismo, a pureza étnica, a heteronormatividade, a desigualdade econômica, entre outros (GINZBURG, 2012, p. 201).

O “descentramento”, nesse caso, é entendido como um “[...] conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica” (GINZBURG, 2012, p. 201). A posição de que fala Martim é contrária ao Regime Militar, extremamente conservador. É ainda mais complexa se pensarmos que o modelo de organização política em que acredita, o comunismo, é evidenciado na experiência de Írisz também como opressor, como no excerto abaixo.



Não sei se foi por sua causa, Írisz, mas sei que não me rendi. “Será possível amar a coletividade sem nunca ter amado profundamente criaturas humanas individuais?”. Uma frase tão boba, de Gramsci, diriam meus camaradas do Partido, aqui no Brasil. Mas agora podemos esquecer seu conteúdo retórico e compreender que, quando pensamos nos indivíduos, pensamos, ao mesmo tempo, no tempo presente. Não o presente como dimensão histórica, mas como a única coisa real em que é possível se apoiar, porque o futuro nos leva a fazer tudo “em nome de”. O que estamos fazendo agora, neste momento exato, e qual teoria vai cuidar disso?

Sei que estou sendo feminino e sensível e sinto vergonha dessa palavra – presente. Nunca falei assim; nunca fui tão maricas. Nenhum partido se preocupará com esse vazio filosófico. *Agora vem você, Martim, depois de trabalhar durante anos com orquídeas e de conhecer essa mulher covarde e em eterna condição de fuga, que, mesmo depois de se instalar no Brasil, ainda tem coragem de desaparecer outra vez, agora vem você falar de “indivíduo” e de “presente”. Você quer um partido que preste atenção em orquídeas, então beba Coca-Cola, coma chocolates, ajude sua Írisz a encontrar seu destino perdido, suas palavras sem sentido nos dicionários antigos, mas não venha nos atazanar mais com perguntas cretinas. Se quer nos perguntar alguma coisa que preste, se está insatisfeito com os rumos do partido, como nós também estamos, tudo bem. Mas não venha falar de indivíduos e de tempo presente. Não serão o presente nem o indivíduo que vão nos salvar de nossas dúvidas e frustrações, Martim. Nós, teus colegas tão frustrados e perdidos quanto você, te garantimos isso, mas sem dúvidas inúteis e femininas. Não podemos suportar um Martim maricas.*

A voz delegada à Írisz por Martim também é significativa tendo em mente a posição de que fala. No caso, da refugiada que teve que fugir de seu país em virtude da perseguição política e que, em um país estranho, tem de aprender uma língua diferente, se adaptar a costumes e hábitos estranhos aos seus.

Sob este prisma, Ginzburg (2012, p. 201) considera que a recorrência de alguns recursos de escrita pode ter um “significado político crítico e afirmativo”. Nesse processo, é preciso analisar: “[...] como temas e formas se relacionam, entendendo que o deslocamento com relação aos princípios tradicionais de autoridade social, que estruturam o patriarcado, é um movimento de escolha de temas, questões, e também de construção formal, em suma, de elaboração de linguagem” (GINZBURG, 2012, p. 201).



A narrativa dissociativa e fragmentária construída pela protagonista, Írisz, reflete em termos de estruturação narrativa a dificuldade em lidar com eventos traumáticos que a levaram à fuga de seu país e a incapacidade de lidar com certos problemas familiares.

Em um país estranho – o diferente –, se vê diante de uma nova língua e cultura em que tem de adaptar-se para sobreviver. O estudo das orquídeas é o pretexto que a traz para o Brasil, mas é também um mecanismo de exteriorizar suas experiências, seja na escrita dos relatórios ou das comparações com a *flor epífita*.

Aos poucos fui aprendendo que a raridade das orquídeas não significa distinção, mas defesa e resistência. Elas são raras porque sobrevivem às piores condições, porque criaram um sistema de sobrevivência que usa os nutrientes de outras plantas, sem prejudicar a ninguém. Você pode deixá-la praticamente sem água e sem luz e ela continua viva e fértil. Floresce só uma vez por ano, mas, se sua haste é cortada no tempo e no lugar certo, ela cresce misteriosamente e vai florescer outra vez, por tempo indefinido. Desde que eu as conheci, na variedade, na raridade e na distribuição geográfica e meteorológica, comecei a entender que a beleza e a resistência têm alguma relação entre si. A capacidade de adaptação, a generosidade que os resistentes têm com o próprio tempo e com o tempo da natureza, os torna mais belos: mais fortes e altivos, seguros ou como as orquídeas, com uma fragilidade autossuficiente (JAFFE, 2015, p. 55).

Esse “desenraizamento” é o elemento que possibilita a personagens Írisz comparar-se às orquídeas, essa incapacidade de criar raízes foi o que a tirou de uma revolução fracassada, que a fez encontrar uma razão, aparentemente, justa para deixar a mãe em um sanatório e o namorado idealista, pois não sabia se estaria viva no dia seguinte: “No Brasil, além de estudar as orquídeas, ela achou que iria fazer brotar dos seus pés algum ramo que a manteria fixa em algum lugar” (JAFFE, 2015, p. 13).

Sua condição no Brasil é de estrangeira:

Estar em país estrangeiro e não saber falar a língua local é estar alheio e encapsulado no espaço, no tempo, no corpo e na alma. Na ignorância da língua, o estrangeiro é completamente estrangeiro. Ser estrangeiro é ser estranho – “não pertencer a”, e é do não pertencimento que vem a conotação negativa de *estranho*, palavra que não é originalmente pejorativa.

Não pertencer pode ser libertador e permitir aos estrangeiros viver num tempo mais lento, observador e menos comprometido com as funções e metas dos nativos, preocupados com tarefas em grande parte



assumidas pela língua que dominam (e que os domina também). Os não falantes de uma língua podem assim ser menos escravizados por ela; permitem-se errar, falar bobagens e inventar novos significados [...] (JAFFE, 2015, p. 100).

É essa “liberdade” de ser estrangeira permite a Írisz fazer seus “experimentos” com a linguagem, misturar relatórios científicos com cartas pessoais e contar sua própria história nos relatórios sobre as orquídeas. Assim como Martim, sua relação com a escrita é significativa por possibilitar, como narradora, a voz para falar o que pensa, trazer a tona temas dolorosos e tentar entender a própria história.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, considera-se que o estudo das categorias narrativas, como focalização e narrador, é pertinente quando se propõe a analisar os efeitos de sentido que essas categorias narrativas produzem no texto. Não se trata apenas da classificação desses elementos, mas de observar como estão organizados e quais os efeitos de sentido que são atribuídos à narrativa.

A proposta de Ginzburg (2012) é também interessante por possibilitar a ampliação das questões sobre a complexidade do narrador da literatura brasileira contemporânea, considerando-o como resultante de uma nova configuração social que permite dar voz a sujeitos antes silenciados.

Assim como observamos no livro *Írisz: as orquídeas*, esses sujeitos refletem na materialidade linguística, na escolha de temas, na organização da narrativa o lugar social de onde falam. Martim nos evidencia em sua forma de narra sua decepção e pessimismo com a revolução fracassada. Írisz tenta exteriorizar, em seus relatos, sua experiência ao retomar na memória fragmentada os traumas com a separação dos familiares e a fuga para o Brasil. Há de se considerar, assim, que essa experiência com o outro – o diferente –, é o elemento central no romance para a constituição da própria identidade das personagens.

### **Referências bibliográficas**



FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista da narração: desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas*. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2 (2012), p. 199-221. Disponível em: <<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

JAFFE, Noemi. *Írisz: as orquídeas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.

WOOD, James. Narrando. In: \_\_\_\_\_. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.